

## **“Longe demais das capitais”: lutas de representação em Florianópolis, SC (1970-1980)**

*Jefferson Rafael da Fonseca*  
*Mestrando - UFRGS*

“Falar mal da vida alheia é o único patrimônio público  
florianopolitano que realmente já está tombado”  
Beto Stodiecke<sup>1</sup>

Pelo menos desde meados do século XIX, Florianópolis, antiga Desterro, é alvo de ímpetos de modernização. Datam desta época alguns dos primeiros registros na imprensa catarinense que nos dão conta da difusão de valores da “civilização moderna”, que implicam também na fixação de novas regras de comportamento em sociedade. A partir de então, começa a ser formado um imaginário que irá perpassar todo o processo de urbanização de Florianópolis: o *atraso* e do *provincianismo* da capital catarinense.

A implantação de uma “racionalidade segregatória” onde higiene, circulação e rapidez foram justificativas para uma nova configuração da cidade, que deveria extirpar da sua vida os resquícios da velha Desterro. A elite comercial, que desde o final do século XIX amplia seu espaço nas áreas de poder político da capital, relaciona então todos os elementos que pretende eliminar às características atribuídas ao *homem do litoral*: o descendente dos açorianos que colonizaram o litoral catarinense.<sup>2</sup> Após o fim da II Guerra Mundial a elite florianopolitana continua mantendo seus sonhos de progresso, foram direcionados para projetos urbanísticos que arrancassem a cidade do atraso econômico. Pretendia-se industrializar a capital! Instaurou-se então uma disputa política, refletida no planejamento urbano encaminhado pelo poder governamental, pela imposição do futuro idealizado para Florianópolis. Desde então a cidade passou por intensas transformações, que se avolumaram e ficaram mais rápidas nas décadas seguintes.<sup>3</sup>

O ideal de uma cidade economicamente mais ativa e industrializada não foi concretizado. Com o golpe militar de 1964, o mote para o desenvolvimento da cidade passa a ser a

---

<sup>1</sup> *O Estado*, Florianópolis, 12 de agosto de 1976. p. 12.

<sup>2</sup> ARAÚJO, Hermetes Reis de. *A invenção do litoral*: Reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República. 1986. Dissertação (Mestrado em História) PUCSP, São Paulo.

<sup>3</sup> LOHN, Reinaldo Lindolfo. *Pontes para o futuro*: relações de poder e cultura urbana. Florianópolis, 1950 a 1970. 2002. Tese (Doutorado em História) UFRGS, Porto Alegre.

metropolização. A idéia é criar uma região metropolitana, tendo Florianópolis como centro, que diminuisse a influência que as regiões de Porto Alegre e Curitiba exerciam sobre outras cidades-pólo catarinenses. Ao mesmo tempo, buscava-se legitimar a condição de capital do Estado. Este apelo novamente promoveu e justificou a remodelação do espaço urbano. Contribuindo para isso, diversos órgãos públicos foram instalados na capital. Na zona central boa parte do antigo casario é derrubada para dar espaço à cidade moderna.<sup>4</sup>

A inauguração da segunda ponte e a construção do aterro da Baía Sul, justificados pela necessidade de uma melhor ligação com o continente e a melhora da circulação na região central, acabou com a característica de cidade portuária, afastando o centro da cidade do mar. Isto provocou uma intensa ruptura na “sociabilidade marítima”<sup>5</sup> que ainda existia em Florianópolis, onde muitas comunidades mantinham sua relação com a região central, prioritariamente, através do mar.

Importante destacar que até a década de 1960, apenas o miolo urbano de Florianópolis era chamado de *cidade* pelos moradores da Ilha.<sup>6</sup> As comunidades mais afastadas, as antigas freguesias, mantinham contatos esporádicos com o centro, o que reforçava a situação de diferenciação entre os moradores das duas áreas, urbana e rural.<sup>7</sup>

Com a instalação de empresas e repartições estaduais e federais – destaque para a Eletrosul e a UFSC – a partir de 1960, os moradores de comunidades mais afastadas passaram a conviver com o movimento crescente da “cidade moderna”. Muitos acabam abandonando suas atividades econômicas, ligadas principalmente à pesca artesanal, à agropecuária e às pequenas propriedades rurais, para suprirem a mão-de-obra em serviços de base demandada por esses empreendimentos. Assim, dois processos de migração para a cidade iniciam. Um formado por trabalhadores menos qualificados, originários em sua maioria do interior do estado, que se instalam na cidade, formando alguns dos atuais bairros populares. Outro, de camadas media, em grande parte, vindos de outros estados – Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro, principalmente. Esses preenchem nas repartições recém chegadas, os cargos de maior escalão. A convivência dos forasteiros desse segundo grupo com os habitantes das zonas rurais de Florianópolis, exige da população local – que antes vivia em sítios ou

---

<sup>4</sup> FACCIO, Maria da Graça Agostinho. *O Estado e a transformação do espaço público*. Dissertação/Mestrado. UFSC

<sup>5</sup> SANTOS, Paulo César dos. *Espaço e Memória: o Aterro da Baía Sul e o desencontro marítimo de Florianópolis*. Dissertação (Mestrado em História). Florianópolis ; UFSC, 1997.

<sup>6</sup> Ainda hoje ouvimos moradores das regiões mais afastadas, como Ingleses ou o Ribeirão da Ilha, falarem que vão “para a cidade” quando se deslocam dos seus bairros para o centro.

<sup>7</sup> MOREIRA, Renata. *A Franja Urbana no enredo da modernidade: o Saco dos Limões e o Armazém Vieira de 1930 a 1960*. Monografia de Conclusão de Curso (História). Florianópolis : UDESC, 2000.

freguesias e que agora vai ao seu encontro diariamente – um novo ritual estético, recheado dos valores urbanos, civilizados.

Neste novo contexto, a “cidade” atinge novas áreas da ilha, pondo em cena novos personagens que mexem na estrutura do poder local, situação que provocou uma desestabilização nas fronteiras identitárias. Sob o ponto de vista das elites locais, passam a existir dois outros. O *outro interno*, parte da cidade – o matuto, o *mané*, descendente de açoriano, insolente, desregrado, não afeito ao trabalho, conforme a imagem que se tenta formar do homem do litoral, como bem demonstrou Hermetes Reis do Araújo<sup>8</sup> – e o *outro alienígena*, estrangeiro, que chega numa posição de pretensa superioridade, tomando espaços de elite local.

O contato direto e cotidiano destes estrangeiros é com a aquela parte da população que passa a ocupar os cargos de menor escalão nas empresas públicas que se instalam em Florianópolis. Muitos destes são migrantes das áreas rurais do município que abandonam seus tradicionais afazeres em busca de melhores oportunidades no serviço público – que na época ainda era visto como uma boa possibilidade de ascensão social para os estratos economicamente mais baixos.

Nossa hipótese é que aquele indivíduo cuja conduta os idealizadores da modernização de Florianópolis queriam civilizar, o *homem do litoral*, acabou transformado no padrão de representação dos habitantes da cidade no imaginário dos seus novos moradores. Para o possível desespero das elites locais é com o *nós* desqualificado e estigmatizado, que passam a identificar o cidadão de Florianópolis.

Neste momento surgem vozes em defesa do patrimônio público, defendendo a manutenção da “velha cidade”, contra a desenfreada modernização. É denunciada a falta de um plano diretor que controle a urbanização e preserve o patrimônio histórico ameaçado. Bela Feldman-Bianco nos mostrou num belo estudo de caso, como a chegada de novos personagens na cena urbana faz com que as elites locais tenham a necessidade de criar locais de memória, inventar tradições como forma de manter o *status quo* ameaçado pelos forasteiros.<sup>9</sup>

A ameaça do *outro* invasor, também foi o estopim para a (re)invenção de tradições e de novos esforços para situar a identidade cultural do florianopolitano. Nos anos 1980, a figura do manezinho, até então designativa do indivíduo inculto e rude das regiões mais afastadas da

---

<sup>8</sup> *Op. Cit.*

<sup>9</sup> FELDMAN-BIANCO, Bela. “História e poder local”. In: ARANTES, Antônio Augusto (org.). *Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural*. São Paulo: Brasiliense, CONDEPHAAT, 1984.

cidade, ressurgiu positivada. O *outro interno*, o anti-herói<sup>10</sup> florianopolitano acaba se tornando a figura símbolo do ilhéu, aceita e assimilada pelas elites num esforço de manter sua ascensão sobre os grupos populares. Existe uma padronização deste indivíduo, um controle da sua conduta<sup>11</sup>, que acontece dentro do processo também de transformação da cidade em capital turística.<sup>12</sup>

Neste ambiente encontramos a voz de Beto Stodieck. Ao nos depararmos com suas notas detectamos uma possível porta de entrada para o cotidiano daquela cidade em processo de modernização. Dos seus escritos e da sua trajetória pessoal, o que se pretende com este projeto de pesquisa é avaliar, na luta de representações entre o progresso e a tradição desencadeada pela transformação da cidade, os conflitos para definir o sentido do *nós* em relação ao *outro*, a construção da identidade da cidade e dos seus moradores.

Toda *identidade/diferença* é produto cultural, resultado de um processo de produção simbólica e discursiva que, por sua vez, faz parte dos conflitos pela definição da realidade.<sup>13</sup> Estes conflitos, é o que sustenta nossa hipótese, já existiam nas relações locais de poder. Nossa tese é de que as transformações que, de maneira acachapante, atingiram a Florianópolis da década de 1970, desestabilizaram as relações de subordinação/hegemonia existentes entre as diversas representações das identidades dos grupos sociais constituintes da cidade.

Existiam em Florianópolis, como atestam as notas e a trajetória pessoal de Stodieck, grupos sociais que se colocavam como a vanguarda do moderno, se contrapondo ao suposto atraso da cidade. Porém, o momento de instabilidade, provocado pelo processo de metropolização, abriu brechas para a inversão de valores e a mudança na posição de hegemonia das concepções de mundo destes grupos.

Queremos rastrear com esta pesquisa, o que significou no imaginário urbano e nas lutas de representação pela cidade, a idéia de que Florianópolis é *provinciana e atrasada*. Com que base se afirmava isto na década de 1970 e qual é a sua relação com a realidade econômica e cultural do período? Ao mesmo tempo como acontece a positivação da identidade do *homem*

---

<sup>10</sup> RAMOS, Maria Bernadete. “Caliban e Ariel, acerca do anti-herói brasileiro. O Brasil varonil e a política de raça”. In: PESAVENTO, Sandra J. (org.) *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre : Editora UFRGS, 2003.

Descreve o anti-herói como “o avesso do modelo de virtude, aquele que não serve para ser imitado, que aparece como sujeito discursivo, espelho invertido para que o modelo ideal se reflita nele e o negue, seria o doente, o não viril e tudo o que ele representa (...) enfim tudo o que em nome do saneamento racial deveria ser banido.”

<sup>11</sup> Sobre o assunto ver: RAMOS, Maria Bernadete. *Teatros da vida, cenários da História: A farra do Boi e outras festas na Ilha de Santa Catarina*. Tese (Doutorado em História). São Paulo : PUCSP, 1991.

<sup>12</sup> ASSIS, Leonora Portela de; Universidade Federal de Santa Catarina. Planos, ações e experiências na transformação da pacata Florianópolis em capital turística. Dissertação (Mestrado) Florianópolis : UFSC, 2000.

<sup>13</sup> SILVA, Tomaz Tadeu da, “Produção social da identidade e da diferença”. In: *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis : Vozes, 2000.

*do litoral*, transformado do “mané da ilha”, que de anti-herói da elite local torna-se o referencial na paisagem humana da cidade.

Entendendo a realidade como um campo de forças para definir o real, iremos procurar por trás da naturalização de alguns conceitos, os fios que controlam os títeres. Identificando a malha que compõe esta rede de representações, onde estão ligados o provincianismo de Florianópolis e a sua identidade símbolo, queremos também perceber onde anda esta imagem nos dias de hoje e o que torna possível o retorno, em momentos de crise para as elites.

Escolhemos figura de Beto Stodieck como ponto de partida, colocado na condição de “leitor especial” da cidade, conforme a definição de Sandra Pesavento, tendo a capacidade de visualizar o campo de forças existente na construção do espaço urbano e do mercado de bens simbólicos aí constituído.<sup>14</sup> Ao mesmo tempo, por ser possuidor de um discurso legitimado pela posição social que ocupa, pode atuar, através de suas notas e atividades, principalmente no campo cultural, não só num trabalho de descrição do existente, mas também na prescrição do porvir, criando novas representações do mundo social.<sup>15</sup>

Stodieck foi uma das personagens marcantes da Florianópolis dos anos 1970 e 1980. Sua trajetória se confunde com a cidade nestas duas décadas. Filho de família que circulava entre os detentores do poder local, o jornalista Paulo Roberto Leite Stodieck<sup>16</sup> escreveu, durante as décadas de setenta e oitenta, nos jornais catarinenses *O Estado* e *Jornal de Santa Catarina*, a coluna *Beto*. Uma que o jornalista definia como social-lógica e social-democrática.

Beto influenciou toda uma geração<sup>17</sup> de florianopolitanos. O depoimento de Cacau Menezes dá um exemplo disto:

Beto não era apenas um colunista. Era o guru da Ilha. Influenciava seu séquito a ser ousado nas roupas e no comportamento. Odiava caretas. Ninguém teve maior importância na quebra de preconceitos como esse cara, gordinho e careca, porém bonito e muito, mas muito inteligente e perspicaz. (...) <sup>18</sup>

---

<sup>14</sup> PESAVENTO, Sandra J. “Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano”. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: FGV, 1995. vol. 8, n.16, p.282-284.

<sup>15</sup> Bourdieu nos diz que a eficácia de um discurso extrapola a necessidade de compreensão do que é dito. É preciso que, mais que isto, o receptor reconheça a legitimidade que o emissor de um discurso precisa ter para o proferir. BOURDIEU, Pierre. “A linguagem autorizada” In: *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: USP, 1996 . p. 89.

<sup>16</sup> Beto Stodieck, filho de Henrique Stodieck e Maria da Graça Leite Stodieck, cursou direito no Rio de Janeiro no final da década de 60, iniciando na “cidade maravilhosa” sua carreira jornalística. Com 25 anos, estreou sua coluna em solo catarinense na página 2 do jornal *O Estado*, no dia 11/07/1971. Morreu vítima dos efeitos da AIDS no dia 06/08/1990.

<sup>17</sup> SIRINELLI, Jean François. “A Geração”. IN: Ferreira, Marieta de Moraes e Amado, Janaína (coords.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

<sup>18</sup> MENEZES, Cacau. “Beto Stodiecke foi um dos homens da minha vida”. Disponível em <<http://www.marcocezar.com.br>>. Acesso em: 27 jul. 2003.

Na sua coluna talvez possamos visualizar os efeitos na mentalidade de uma parcela da população da modernização que chegou à Florianópolis nos anos 1960. Em 1971 escrevia:

Há algum tempo, não faz muito, só apareciam em Florianópolis farmácias, bancos e padarias. (...) Agora parece que o negócio mudou. Novidades por toda a cidade, o comércio se descentralizando e, o que é importante, se modernizando. São boutiques, bares, brinquedinhos eletrônicos, coisas de comer um tanto quanto americanizadas. E outros baratos próprios da civilização (...). E outras coisas vão surgindo. A cidade está crescendo e os melhoramentos vêm a jato.(...).<sup>19</sup> [grifo nosso]

É expresso um desejo de que as coisas não parem por aí e que a cidade tenha uma nova cara. Esta posição otimista contrastava com o combate a destruição do patrimônio cultural da cidade e forma como se dava este crescimento. A coluna veiculou uma das principais vozes à época em defesa da preservação da arquitetura e da paisagem da região central de Florianópolis. Em certa nota confessa:

Para minha tristeza, estou sabendo que o Miramar não emplacará 75. Antes que este ano termine, o progresso da Nova Florianópolis exigirá sua demolição(...). Não sei se é exatamente isto que estamos querendo. Mas é bom deixar claro que não se mata uma cidade assim.(...).<sup>20</sup> [grifo nosso]

Na década de setenta, Stodieck denuncia o que considerava os absurdos de uma modernização que apaga as marcas do velho em sua materialidade, mas não supera o atraso no campo cultural. Procura mostrar para a geração, da qual é um dos líderes, que o provincianismo da cidade nunca esteve em suas construções físicas, mas sim nas construções simbólicas que regulam o dia-a-dia das pessoas.

Florianópolis teria passado a contar com a multiplicidade de informações e a intensificação dos estímulos nervosos das grandes cidades, sem que se conseguisse impor ao “povo” a agudez de raciocínio e a predominância da inteligência do homem. As cenas ilhoas, para o colonista, não mudaram muito e as repreensões aos *atrasados* continuavam:

Não seria nem tentar classificar de “civilizado” o que requer cultura e desembaraço normalmente à parte dos dias brasileiros; mas pelo menos é fundamental ser “prático” nesta atribulada vida moderna. E em Florianópolis a gente nota o tempo todo certas reações de boa parte da população que não varou adiante neste agonizante final de século. São os tansos dormitando diante da indispensável esperteza.<sup>21</sup>

As críticas aos “estrangeiros”, constantes nas colunas de Stodieck, expõem a resistência da população local não apenas à invasão cultural, mas a uma série de mudanças nos hábitos da cidade, que acabavam supostamente prejudicando os antigos habitantes ou, pior, os colocando numa posição de inferioridade.

<sup>19</sup> O Estado, Florianópolis, 21 de setembro de 1971. p.2.

<sup>20</sup> “Linhas e mais linhas para a cidade assassinada”. *O Estado*, Florianópolis, 19 de janeiro de 1974. p.11

<sup>21</sup> *Jornal de Santa Catarina*, 12 de agosto de 1987.

“(…) Mas eu não tenho nada contra os gaúchos. Até que muito pelo contrário. Afinal, não é o gaúcho o centauro dos pampas? E como gosto de mitologia, vai daí que ... Mas Flops (*sic*) é uma cidade de nada, é nossa, somos bairristas o suficiente para impedir que os outros (gaúchos ou não) venham bater com os costados numa de nossas quarenta e três praias. (...) Tirar a nossa paz, de saudosa memória.”<sup>22</sup>

Pode-se notar que o grande problema era a participação dos novos moradores na decisão dos rumos da cidade:

“A coluna simplesmente não agüenta mais esses “estrangeiros” que aqui chegam e querem cheirar nossa água (como exemplo mais à boca) – que é para sacar se é bebível... Tomara que esteja envenenada”.<sup>23</sup>

Em outra nota completa:

“(…) E o colonista não tem nada contra gaúcho não (esse povo valoroso etecétera e tal) – tem é contra aqueles blefes que pra cá vêm (independente donde), ditar normas conforme muitos adoram e se enroscam; (...)”.<sup>24</sup>

Beto entrou em confronto com as elites locais e o seu projeto de progresso baseado na exploração do mercado imobiliário, e contra “*os de fora*”, que queriam, nas palavras do autor, dar ordens aos “*catarinas*”. Mas esta resistência aparentemente tem uma característica que não nos permite colocá-la dentro do projeto que criou uma identidade para o ilhéu: o *manezinho da ilha*. Em uma coluna de 1988, cujo título já diz tudo: “*Mané é quem é*”, Stodieck diz que o verdadeiro manezinho da Ilha, “*quando assim chamado, responde furioso, xingando a mãe do interlocutor. O restante é falso charme*”. Esta postura *sui generis* mostra que a luta pela cidade e sua identidade na década de oitenta não pode ser reduzida à dicotomia entre os que queriam uma cidade grande e os que queriam uma cidade média, cada qual com seus interesses e representando seus grupos de pressão.

---

<sup>22</sup> *O Estado*, Florianópolis, 06 de dezembro de 1974. p. 12.

<sup>23</sup> *Jornal de Santa Catarina*, 23 de junho de 1987. p.17

<sup>24</sup> *O Estado*, Florianópolis, 22 de junho de 1988. p. 17